

Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 1, Número 2, Dez. 2012

O VÍCIO E A LOUCURA DE VIVER OU O DESAFIO DA ESCRITA INACABADA



THE ADDICTION AND THE MADNESS OF LIVING OR THE CHALLENGE OF THE WRITING UNFINISHED

Valdemar Valente Junior
UERJ/UniverCidade/Univ. Castelo Branco, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 11/09/2012 • APROVADO EM 17/12/2012

Resumo

Resenha sobre o livro *Conversa com leões*, coletânea de contos de Leonardo Marona. Trata-se de um ficcionista que tem em sua obra de estreia o mérito de desvendar com mestria o universo do cotidiano em constante processo de transformação. A partir de um campo força que se justifica em sua capacidade de construção de imagens e personagens, o texto submete as relações contemporâneas ao crivo impiedoso da violência que marca nossa presença num mundo em crise.

Abstract

Review on the book **Conversa com leões**, collection of stories by Leonardo Marona. It is a fiction writer who has in his debut with the merit of revealing with mastery the everyday universe in a constant process of transformation. From a field force that is justified in its ability to construct images and characters, the text undergoes contemporary relations to the scrutiny of the ruthless violence that marks our presence in a world in crisis.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Leonardo Marona. *Conversa com leões*.

KEYWORDS: Leonardo Marona. *Conversa com leões*.

Texto integral

A impressão mais clara que fica após a leitura de **Conversa com leões**, contos que marcam a estréia de Leonardo Marona como ficcionista, é a de que a literatura nos remete inevitavelmente à nossa condição incurável. Sade escreveu com sangue e dejetos; Rimbaud desistiu de escrever aos vinte anos. Assim, a escrita corresponde à nossa situação de seres incompletos na busca incessante por uma completude que nunca virá. A legião dos derrotados, ou mesmo dos que caminham indiferentes à sucessão de absurdos, com pedras nos sapatos a serem diariamente removidas, situa-se no cerne da condição básica que serve de matéria à coletânea desses contos.

O lugar do escritor descaracteriza um universo de certezas para as quais não há sentido plausível. Escrever seria como engessar fraturas, suturar cortes. Há um preço a ser pago pelas coisas incomuns no bazar das miudezas que se amontoam diante de nosso olhar incauto. A escrita, portanto, situa-se no plano da descoberta. Os fragmentos do cotidiano se configuram no quebra-cabeça que ajuda a compor cada conto. A falta de jeito, a inabilidade para lidar com o equívoco, o encontro com fantasmas e a revelação trágica da vida perseguem o teor da escrita como forma patente da obsessão representada pela presença no mundo.

O processo de criação por vezes segue a enumeração caótica de elementos da fauna urbana que configuram o cenário de uma desgeografia em sequência

narrativa sem compromisso com o tempo. Na verdade, tempo e lugar são categorias instáveis cuja dimensão se pluraliza e se dissolve, “porque nossas vidas são como fases de um videogame”, ou ainda, “porque precisamos apertar nossos botões, porque o céu dura o tempo que conseguirmos pensar nele”. Por vezes, autor e personagem são os mesmos, havendo em certos contos um sentido de autobiografia a partir de instantâneos que se acumulam como flashes logo sucedidos por outros tantos a que o leitor desatento deixa de perceber.

Nesse mar de estranhezas todos possuem a condição indispensável de seres à deriva. Nova Iorque, Rio de Janeiro ou Porto Alegre apenas mimetizam o sentido de um mundo povoado por mancos, bêbados, vagabundos e desempregados. O que Leonardo Marona chama de “um certo apavoramento de estar no mundo” apresenta-se como um exercício de humildade a que o escritor e livreiro desenvolve como via de mão dupla numa escrita que não imita a vida, mas é ela própria. Do mesmo modo, a galeria de deprimidos e problemáticos representada por Charlie Mingus, Van Gogh, Ernest Hemingway e Dylan Thomas invade a narrativa tomando parte do que poderia ter sido e nunca foi. Os pedaços do mundo são recolhidos como possibilidade de que a narrativa se efetive a partir de cada drama individual coletivizado numa dimensão total.

A solidão dos que vivem nas ruas das grandes cidades em busca de diálogo com os desconhecidos confirma essa conserva com leões na selva escura do desencontro cotidiano onde esbarramos uns nos outros como carros de brinquedo num parque de diversões. A timidez dos que falam demais contraria o silêncio dos que não têm rumo diante de “todas as portas fechadas, emperradas, precisando de óleo”. O escritor é alguém fora de lugar, que descasca as batatas e lava o convés do navio numa viagem sem volta. Mais anda: é o vendedor da livraria semicult de um mundo semibrega, oferecendo best-sellers às madames incultas e arrogantes que recorrem aos livros de autoajuda em busca de uma receita para a velhice e a felicidade.

Os corpos em queda projetam-se em direção ao nunca mais. A vida é essa, e nossos projetos edificantes juntam-se às ruínas da desrazão. O abismo das coisas

irrelevantes apresenta-se como cenário, quando tudo parece inócuo, sem sentido. Viver é uma espécie de exercício aeróbico repetido em séries. Assim, o encanto de estar com os pés sobre a superfície da terra parece um sonho vago de que se acorda depois de uma bebedeira. A náusea diante das situações já vividas faz girar em nossas cabeças a roleta em que apostamos tudo de uma só vez, correndo o risco de tudo perder e chorarmos sozinhos, sentados na calçada, sem compaixão e sem a passagem de volta.

Jack Kerouac, Thelonious Monk, acid trips e Martini Bianco misturam-se em sensações que se diluem entre tropeços e sorrisos num faroeste brasileiro onde o lugar da injustiça e do absurdo são obstáculos a que a narrativa busca superar. Sem traumas, sem complexos e sem psicanálise o escritor pavimenta a estrada por onde a vida passa tendo como material os destroços de um mundo em construção que já se converteu em ruína pela sanha do sistema em sua contradição mais profunda. Pequenos furtos, meninas cheirando solvente sob o viaduto, floristas traficando drogas, homens lavando os vidros dos prédios ou limpando a tampa dos esgotos, enfim, a legião de deserdados repete a tarefa monótona de dar continuidade à vida numa sucessão de inutilidades.

A escrita não mais pertence a quem a escreve. Escrever é sair de dentro de si e atirar-se à conversa com leões, expondo-se nas livrarias em lançamentos entediados, tendo que sorrir quando se tem vontade de chorar. A privada dos botequins vagabundos e o conhaque barato em copo plástico são imagens de um filme que explora o insólito, mas o filme da vida não passa em outra sessão. Mais uma vez a escrita fica do lado de fora e tudo segue. Inferninhos, mendigos, travestis e prostitutas transitam em cenas sem rumo certo. A amizade pelos derrotados é motivo de fascínio. Na madrugada os ônibus viajam vazios, o troco da passagem se torna difícil e os cigarros se acendem nas mãos trêmulas dos bêbados que não têm porque se perdoar.

O fracasso dessas relações indica que as aparências não enganam, sendo aquilo que nos mantém, na medida em que a sensação de estabilidade desagrega nossas forças essenciais e assim nos permitimos viver a aventura de olhar um mundo

novo a cada dia. Daí o conformismo das situações estanques como uma lagoa serena não encontrarem lugar na prosa inquieta de Leonardo Marona, para quem a sequência de derrocadas se constitui na parada de sucessos dos que “sempre precisam decair para se reconhecer” ou dos que optam por conviver com os opostos entre a luz e a sombra, “porque o encontro com o céu acaba por cegar os olhos”.

A fome de palavras precisa ser saciada com os restos de lixo divididos com os animais das ruas. Escrever é o limite do escritor faminto de paixão de cuja pena brotam os frutos pecos, caídos na sarjeta e colhidos pelos pobres de destino miserável. Entre o desespero e a autopunição, os personagens de *Conversa com leões* colocam-se na ordem de um mundo sem coração. No fim da curva, na linha limítrofe, no abismo das coisas a obra se constitui na imagem e semelhança de quem a criou.

Referências

MARONA, Leonardo. **Conversa com leões**. Rio de Janeiro: Oito e Meio, 2012, 196 p.

Para citar este artigo

VALENTE JUNIOR, Valdemar. O vício e a loucura de viver ou o desafio da escrita inacabada. Resenha de MARONA, Leonardo. **Conversa com leões**. Rio de Janeiro: Oito e Meio, 2012, 196 p. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 1., n. 2., Dez. 2012, p. 408-412.

O Autor

Valdemar Valente Junior é Professor adjunto da UniverCidade e Professor Assistente da Universidade Castelo Branco. Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ; Inscrito no programa de Pós-Doutorado em Literatura Brasileira pela UERJ; palestrante e autor de artigos sobre literatura e cultura brasileira